

JUVENTUDES PERIFÉRICAS E CONDIÇÃO JUVENIL: SER JOVEM EM UM TERRITÓRIO MARCADO PELA VULNERABILIDADE SOCIAL

Lizandra Inês Both¹

Universidade Federal do Piauí

Lila Cristina Xavier Luz²

Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Este artigo analisa a condição juvenil em contexto periférico urbano, com foco nas percepções de jovens da Grande Santa Maria da Codipi, em Teresina-PI, acerca do significado de ser jovem e de suas experiências relacionadas ao acesso ao trabalho. Parte-se do pressuposto de que a juventude é uma construção social, atravessada por marcadores como classe, raça, gênero e território. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, baseada em observação de campo e na escuta das narrativas juvenis, articuladas à análise teórica. O referencial fundamenta-se em Pais (2016), Dayrell (2003; 2007) e Margulis (2001). Os resultados indicam que a juventude é percebida como um período de possibilidades e responsabilidades, no qual o trabalho ocupa lugar central. Evidencia-se a inserção precoce no mundo do trabalho e a influência do território na configuração dessas experiências. Conclui-se que a condição juvenil deve ser compreendida em sua pluralidade e em suas determinações sociais.

Palavras-chave: Juventudes periféricas; Condição juvenil; Vulnerabilidade social; território.

PERIPHERAL YOUTH AND THE YOUTH CONDITION: MEANINGS OF BEING YOUNG IN A TERRITORY MARKED BY SOCIAL VULNERABILITY

ABSTRACT

This article analyzes the youth condition in an urban peripheral context, focusing on the perceptions of young people from the Grande Santa Maria da Codipi region, in Teresina-PI, regarding the meaning of being young and their experiences related to access to work. It is based on the assumption that youth is a social construction shaped by markers such as class, race, gender, and territory. This is a qualitative, exploratory study, grounded in field observation and the analysis of youth narratives, articulated with theoretical reflection. The theoretical framework draws on Pais (2016), Dayrell (2003; 2007), and Margulis (2001). The results indicate that youth is perceived as a period marked by both possibilities and responsibilities, in which work occupies a central role. It also highlights early entry into the labor market and the influence of territory in shaping these experiences. The study concludes that the youth condition should be understood in its plurality and social determinants.

Keywords: Peripheral youth; Youth condition; Social vulnerability; Territory.

¹ Mestranda em Sociologia pela UFPI, graduada em Serviço Social pela UFRGS. Mestranda em Sociologia pela UFPI, Teresina, PI, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Lulu Rodrigues, 1415, Altamira, Barra do Corda, Maranhão, Brasil. CEP: 65950-00. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2925-0491> E-mail: lizandrboth@mail.com.

² Doutora e mestre em Serviço Social pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Henrique Dias, 1766, Bairro Macaúba, Teresina, Piauí, Brasil CEP: 64016-104. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7301-0187> E-mail lilaluz@ufpi.edu.br.

JUVENTUDES PERIFÉRICAS Y CONDICIÓN JUVENIL: SER JOVEN EN UN TERRITORIO MARCADO POR LA VULNERABILIDAD SOCIAL

RESUMEN

Este artículo analiza la condición juvenil en un contexto urbano periférico, con foco en las percepciones de jóvenes de la región de la Grande Santa Maria da Codipi, en Teresina-PI, acerca del significado de ser joven y de sus experiencias relacionadas con el acceso al trabajo. Se parte del supuesto de que la juventud constituye una construcción social, atravesada por marcadores como clase, raza, género y territorio. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio, basada en la observación de campo y en el análisis de las narrativas juveniles, articuladas con la reflexión teórica. El marco teórico se fundamenta en Pais (2016), Dayrell (2003; 2007) y Margulis (2001). Los resultados indican que la juventud es percibida como un período marcado simultáneamente por posibilidades y responsabilidades, en el cual el trabajo ocupa un lugar central. Asimismo, se evidencia la inserción temprana en el mercado laboral y la influencia del territorio en la configuración de estas experiencias. Se concluye que la condición juvenil debe ser comprendida en su pluralidad y en sus determinaciones sociales.

Palabras clave: Juventudes periféricas; Condición juvenil; Vulnerabilidad social; Territorio.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a juventude tem ocupado lugar central nos debates acadêmicos, políticos e sociais, especialmente em contextos marcados por profundas desigualdades estruturais. Ao mesmo tempo em que os jovens são frequentemente associados a ideias de potencial, inovação e futuro, também são recorrentes as representações que os vinculam à violência, ao risco e ao chamado “problema social”, sobretudo quando se trata de juventudes periféricas. Essas leituras ambíguas revelam não apenas disputas simbólicas em torno do significado de ser jovem, mas também a forma como o Estado e a sociedade constroem respostas políticas diferenciadas para distintos segmentos juvenis. Nesse cenário, compreender as juventudes como uma construção social, atravessada por marcadores como classe, raça, gênero e território, torna-se fundamental para analisar as experiências concretas vividas por jovens em contextos de vulnerabilidade social, bem como para problematizar os limites e desafios das políticas públicas voltadas a esse segmento.

Nesta pesquisa, parte-se da compreensão da juventude como condição social, apoiada nas contribuições de Dayrell (2003; 2007), Margulis (2001) e Esteves e Abramovay (2007), autores que possibilitam aprofundar teoricamente esse debate. Nessa perspectiva, ser jovem não se reduz a uma etapa biológica da vida, mas refere-se, sobretudo, à inserção em contextos sociais específicos, que moldam as formas de viver e

de ser reconhecido socialmente como jovem. Soma-se a essa compreensão a análise dos marcadores sociais, como raça, gênero, território e classe social, que permitem uma leitura mais ampla e complexa da realidade juvenil, em especial das juventudes periféricas.

Este artigo apresenta parte da discussão desenvolvida em uma dissertação de mestrado em Sociologia, da qual se recorta a análise sobre como jovens periféricos constroem sentidos acerca do que significa “ser jovem” em contextos marcados pela vulnerabilidade social, pela violência, pela ausência de políticas públicas e pela condição periférica. Busca-se, assim, evidenciar a construção de sentidos sobre a juventude a partir dos relatos dos próprios jovens, reconhecendo-os como sujeitos sociais que produzem interpretações sobre suas experiências. A pesquisa empírica fornece subsídios centrais para a discussão, possibilitando um diálogo mais consistente e articulado entre os dados empíricos e o referencial teórico mobilizado.

O objetivo deste estudo é analisar como jovens da região da Grande Santa Maria da Codipi, periferia de Teresina (PI), constroem e narram suas experiências sobre o “ser jovem”, à luz da perspectiva da juventude enquanto construção social. Busca-se discutir as juventudes no plural, reconhecendo os impactos dos marcadores sociais na constituição da condição juvenil, por meio da articulação entre a discussão teórica sociológica e as narrativas produzidas pelos próprios jovens.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, trata-se do contexto da pesquisa, com destaque para aspectos metodológicos e percurso investigativo. Em seguida, desenvolve-se uma discussão teórica que fundamenta a análise e dialoga diretamente com a pesquisa empírica, a partir das narrativas juvenis. Apresenta-se a realidade do acesso ao trabalho, com ênfase na realidade juvenil no âmbito do território periférico, suas lutas e resistências. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados do estudo e apontamentos acerca de possibilidades de continuidade e aprofundamento acerca dessa temática de investigação.

1 Caminho metodológico

Este artigo apresenta parte da discussão desenvolvida na dissertação de mestrado em sociologia na Universidade Federal do Piauí. O estudo buscou conhecer as sociabilidades das juventudes na periferia da Grande Santa Maria da Codipi, em Teresina, PI. Trata-se de um território marcado por vulnerabilidades sociais, pela violência e ausência de políticas públicas. Nesse território buscou-se conhecer como os e as jovens experimentam no cotidiano as esperanças e resistências, identificando o medo como uma emoção que marca suas sociabilidades juvenis. Importante considerar a interseccionalidade de raça, gênero, classe social e território inerente à vida e à dinâmica juvenil. A investigação ouviu vinte e cinco jovens, em espaço previamente definido com eles e elas, para favorecer um diálogo mais próximo e de confiança. A pesquisa seguiu todas as orientações previstas na Resolução N° 738, de 7 de novembro 2024, que dispõe sobre o uso de bancos de dados com finalidade de pesquisa científica envolvendo seres humanos. A mesma foi autorizada pelo Comitê de Ética da UFPI (Universidade Federal do Piauí), com Parecer Consubstanciado 7.096.833. As e os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, do tratamento das informações coletadas e sobre o sigilo. Para garantir o anonimato, a não identificação das e dos jovens entrevistados, os mesmos são apresentados com codinomes garantindo o compromisso ético assumido. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por 25 jovens: 17 identificaram-se com o gênero masculino e 8 com o gênero feminino. Entre as participantes do gênero feminino, uma jovem identificou-se como lésbica. É importante destacar que, no processo de autodeclaração, as fronteiras entre gênero e orientação sexual mostraram-se fluidas para os participantes. Exemplo disso foi a resposta de uma jovem que, ao ser indagada sobre seu gênero, identificou-se prontamente como lésbica. Na análise dos dados, esse relato foi integrado à categoria de mulheres cisgêneras, porém respeitando a especificidade de sua orientação sexual como um componente indissociável de sua autoapresentação. A sobreposição entre as categorias de gênero e orientação sexual na informação da participante não deve ser lida como um equívoco conceitual, mas como um dado analítico relevante. Sob a perspectiva de autoras como Judith Butler (2016), essa

indistinção ilustra como a matriz de inteligibilidade heterossexual opera: a identidade de gênero e o desejo são frequentemente percebidos como dimensões indissociáveis. Quando a jovem se define como "lésbica" ao ser questionada sobre seu gênero, ela evidencia como sua orientação sexual é o prisma central por meio do qual sua subjetividade e sua performance de gênero são constituídas.

Nesse texto a discussão de gênero consubstancia a compreensão e orienta as reflexões acerca da realidade social do ser jovem no território. Uma compreensão que, segundo Scott (2019) é situada socialmente e tem raízes nos movimentos feministas, que procuram romper com as diferenças biológicas, por compreenderem a existência de construções sociais sobre os papéis próprios dos homens e das mulheres. Gênero, como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. A faixa etária dos jovens entrevistados, **compreendeu a idade** entre 18 e 28 anos, sendo que 21 tinham entre 18 e 24 anos, três tinham 27 anos e um, 28 anos. Quanto à raça, observou-se a predominância de jovens negros³.

As entrevistas **foram guiadas por um roteiro semiestruturada**, construído para possibilitar a coordenação do diálogo e manter o foco da pesquisa. Em relação aos entrevistados essa estratégia metodológica possibilitou uma maior liberdade sobre as indagações, pois não se esperava deles respostas exatas, mas sim relatos que possibilitaram posteriormente uma compreensão da realidade investigada. A entrevista favoreceu o contato com a história oral. **Consequentemente, fundamentou** a escrita da história do entrevistador. A história oral favorece tomar contato com a história a partir de outros elementos que estão para além do que está nos livros e nas pesquisas, ou seja, tem-se contato com a história vivida pelos entrevistados, as formas como eles percebem a vida (Amado, Ferreira, 2006). Ao mesmo tempo, foi necessária atenção para reconhecer os sentimentos, as emoções que os jovens manifestaram. As entrevistas com os jovens renderam longas conversas, reencontros e partilhas, uma oportunidade de conhecê-los e suas realidades sociais. Segundo Portelli (2017) as fontes orais assumem um papel

³ Ao se tratar de jovens negros, parte-se do quesito cor ou raça adotado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que reconhece a população negra como o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas ou que adotam autodefinição análoga.

fundamental por possibilitarem narrativas individuais, vivas e dialógicas, que revelam experiências subjetivas e perspectivas singulares muitas vezes ausentes nos registros formais. Além disso, elas podem incorporar elementos das tradições orais, ampliando a compreensão sobre os modos de vida, valores e sentidos construídos no cotidiano juvenil. Somente assim é possível articular pontes, romper com alguns medos e construir possibilidades reflexivas.

2 De que juventudes estamos tratando: uma discussão teórica e sociológica

Atualmente, têm se levantado muitas questões e discussões sobre a questão e a realidade juvenil, sobre ser jovem. Há uma tendência de idealizar a juventude como uma das melhores fases da vida, ligada a beleza, a força, ao esplendor e tantas características que fazem muitas pessoas quererem ser eternamente jovens. Por outro lado, há uma tendência de se falar de juventudes como um problema, ligado a criminalidade, a violência, como uma fase da vida de perigo e problema, que precisa ser problematizado e enfrentado, conforme nos advertem (Pais, 1990). Mas também sobre como a produção de sujeitos jovens (Fischer, 2008), é desenvolvida na realidade social. Como destaca Abramo (1994): “A tematização da juventude pela ótica do “problema social” é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade.” (p. 29). Uma “ótica” marcada por preconceitos, pois está centrada nas “falhas” nos “vacilos” nos “deslizes”, na “disfunção”. Portanto, uma “ótica” que desconsidera a complexidade e a diversidade inerente à condição juvenil.

A partir disso é importante perguntar-se, afinal o que é a Juventude? O que é ser jovem? O reconhecimento da juventude enquanto problema sociológico (Pais, 1990) é recente, data do pós-Segunda Guerra mundial, quando juventude passa a ser compreendida como um período preparatório e de transição entre a infância e a fase adulta. Ambas as visões não reconheciam o jovem enquanto sujeito de direitos sociais, mas numa perspectiva conservadora, que reconhece a fase juvenil como uma etapa problemática (Cara; Gauto, 2007). Até então, as discussões sobre juventude são

significativas no que se refere a essa fase reconhecida como preparação para a vida adulta, vivenciada de forma diversa pelas distintas classes sociais.

No Brasil o reconhecimento da juventude como sujeito de direitos é recente. O ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) é a primeira legislação brasileira que reconhece direitos para segmentos sociais específicos, crianças e adolescentes até 18 anos, crianças de 0 a 12 anos e adolescente de 12 a 18 anos (Brasil, 1990). Da mesma forma, a partir de 2013, com a aprovação do Estatuto da Juventude, a juventude é reconhecida como o segmento social com idade de 15 a 29 anos e com direitos sociais (Brasil, 2013).

Larrosa e Lara (1998) refletem do quanto a idade também nos apresenta um viés de pertencimento a um grupo, porém apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativas ou administrativas, nos situa uns e outros em grupos socialmente definidos. Portanto a idade é importante para garantir o pertencimento a algum grupo, para pensar políticas públicas e seu público. Ao mesmo tempo é necessário tencionar essa perspectiva.

A questão é que, ao colocar-nos ou ser colocados em um grupo de idade, somos captados por algumas imagens e certas práticas sociais que se articulam de forma mais ou menos contraditória [...] Pertencer a um grupo de idade significa ter que adequar-se a uma normativa bastante precisa em cada idade (como se viver fosse uma dívida) fazer uma série de coisas e, sobretudo, temos de levar muito em conta os possíveis desvios com relação aos modelos socialmente sancionados. Isto bem poderia denominar-se viver de modo precário (Larrosa e Lara, 1998, p.15).

Reduzir um grupo social apenas a idade é uma norma regida que despreza outras diferenças inerentes ao ser jovens. A referência de juventude adotada nessa pesquisa, está ancorada na compreensão de construção social, ou seja, em cada época e cultura tem-se diferentes compreensões quanto a qual parcela da população é considerada jovem.

No existe una única juventud: en la ciudad moderna las juventudes son múltiples, variando en relación con características de clase, el lugar donde viven y la generación a que pertenecen y, además, la diversidad, el pluralismo, el estallido cultural de los últimos años se manifiestan privilegiadamente entre los jóvenes que ofrecen un panorama sumamente variado y móvil que abarca sus

comportamientos, referencias identitarias, lenguajes y formas de sociabilidad⁴
(Margulis, 2001, p.42⁵)

Importante reconhecer que não é possível definir juventudes de forma simplista, mas reconhecendo a totalidade da realidade social vivida. Por isso, é necessário também tratar de juventudes no plural, como modo simbólico de reconhecimento dessa pluralidade e diversidade, visto não ser possível caracterizar de forma unívoca as juventudes.

Entendemos, como Peralva (1997), que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (Dayrell, 2003, p. 41-42).

A citação de Dayrell (2003), explicita que a juventude não é apenas uma fase biológica ou psicológica do desenvolvimento humano, mas, principalmente, uma condição social e uma construção simbólica. Isso significa que ser jovem é, antes de tudo, estar inserido em um contexto social específico que molda as formas de viver e de ser reconhecido como jovem. A experiência juvenil, portanto, não é homogênea, mas profundamente atravessada por marcadores sociais como classe, gênero, raça, religião e território.

Na realidade brasileira atual, essa diversidade de experiências é facilmente observável. Por exemplo, um jovem morador de uma periferia urbana, como a Região da Grande Santa Maria da Codipi, em Teresina, PI, enfrenta desafios muito diferentes daqueles vividos por um jovem de classe média em bairros centrais. Enquanto o primeiro convive diariamente com a precariedade do transporte público, a insegurança, o

⁴ Optou-se por utilizar o texto original em espanhol, considerando que se trata de um autor latino-americano cuja obra ainda não possui tradução oficial para o português. A manutenção do idioma original preserva a precisão conceitual e o contexto sociocultural em que os termos foram formulados.

⁵ Não existe uma juventude única: na cidade moderna, as juventudes são múltiplas, variando em relação às características de classe, ao local onde vivem e à geração a que pertencem e, além disso, a diversidade, o pluralismo, a explosão cultural dos últimos anos se manifestam prioritariamente entre os jovens que oferecem um panorama extremamente variado e móvel que abrange seus comportamentos, referências indenitárias, linguagens e formas de sociabilidade (Margulis, 2001, p.42 – tradução livre)

desemprego e a ausência de políticas públicas consistentes, o segundo tem maior acesso a lazer, educação de qualidade e redes de proteção familiar e institucional. Ambos são jovens, mas vivem juventudes radicalmente distintas.

Além disso, aspectos como gênero e identidade racial também pesam na forma como a juventude é vivida e representada. Jovens negros, sobretudo os homens, são frequentemente associados a estereótipos de criminalidade e enfrentam abordagens policiais violentas e discriminações no mercado de trabalho. Um jovem apresenta essa realidade em seu relato ao se referir as dificuldades que os jovens da Grande Santa Maria vivenciam. *“É muito difícil aqui em Santa Maria, por causa do preconceito, pelas vestimentas, para pessoas um brinco, muito cabelo. É muito das dificuldades os jovens vivem aqui”* (Bol, 21 anos). Ou seja, a juventude é vista e julgada a partir da aparência, especialmente quando é abordada na rua pela polícia.

Nesse sentido, ainda ao se falar de gênero, ser jovem LGBTQIAPN+ é um desafio que o jovem carrega em seu corpo, em toda a sua existência, marcada muitas vezes pelo preconceito e por tantas formas de violência. O marcador social de gênero repercute na condição juvenil.

Assim, pelo meu estilo, pelas coisas que eu já passei, por dificuldade, pelos preconceitos que eu levo. Não sei se você já percebeu? Assim, o meu estilo, né? Você está vendo. Hoje em dia, esse negócio...de LGBT, né, essas coisas, é muito, né, tem muitas pessoas preconceituosas. Então hoje eu me acho uma jovem, assim, guerreira, uma jovem que já passou por muitas barreiras e eu me sinto uma jovem vencedora, uma jovem guerreira, entendeu? Por isso (Rada, 20 anos).

Conforme Dayrell (2007) a condição juvenil é entendida como uma construção social que possui dupla dimensão: refere-se tanto ao modo como a sociedade define e atribui significados à juventude (dimensão simbólica e geracional), quanto à forma como essa fase é vivida concretamente, marcada por fatores como classe social, gênero e raça. Essa abordagem permite considerar tanto os aspectos simbólicos quanto os materiais e políticos da experiência juvenil. No contexto brasileiro, essa condição se desenvolve em meio a transformações socioculturais e mudanças no mundo do trabalho, que têm gerado desemprego e precarização, especialmente entre jovens das camadas populares,

afetando suas vivências e possibilidades de futuro, conforme será apresentado mais adiante nesse artigo.

A condição juvenil é moldada pelas circunstâncias sociais em que os jovens estão inseridos, especialmente nas camadas populares, onde a juventude é vivida de forma precária e desafiadora. Essa condição se caracteriza pela articulação entre ser jovem e ser pobre, o que impõe limites e pressões específicas, como a necessidade de garantir a sobrevivência cotidiana. No Brasil, ao contrário de países europeus, muitos jovens só vivenciam a juventude porque trabalham, o que influencia, mas não necessariamente inviabiliza, sua trajetória escolar. Nesse sentido, importante a discussão de Margulis (2001), ao evidenciar que a moratória social, compreendida como suspensão relativa das responsabilidades adultas, possibilitando aos jovens um período de experimentação social, não é uma realidade de todos os jovens. Pierre Bourdieu (1983) em “A juventude é apenas uma palavra”, reconhece que a juventude não constitui uma categoria homogênea, mas uma construção social atravessada por relações de classe. Assim, a própria possibilidade de vivenciar a moratória juvenil depende do acesso diferenciado a recursos econômicos, culturais e institucionais. Enquanto jovens das classes médias e altas podem prolongar sua inserção escolar e adiar a entrada no mercado de trabalho, jovens das classes populares frequentemente são privados dessa experiência, ingressando precocemente na vida adulta. Assim, trabalho e estudo são dimensões que se entrelaçam na construção da juventude. O trabalho, portanto, não apenas sustenta materialmente os jovens, mas também é um elemento simbólico fundamental na constituição da sua condição juvenil (Dayrell, 2007).

É nesse olhar ampliado para as juventudes que precisamos considerar e reconhecer os marcadores de classe social, raça, gênero para entender como cada um vive sua juventude. Esses marcadores sociais determinam que pessoas jovens, no mesmo período cronológico, vivenciem experiências juvenis de formas diversas. Portanto, a juventude é uma construção social, ou seja,

a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc (Esteves, Abramovay, 2007 p.21).

Quando, aqui nessa pesquisa, nos desafiamos a estudar refletir sobre juventudes, estamos falando de jovens que são sujeitos sociais, que têm histórias, raça, cultura, classe social, gênero, etc. São sujeito reais, que materializam suas vidas a partir de oportunidades, de vivências, de idas e vindas, de deslocamentos que marcam suas vivências no território, ao mesmo tempo em que delimitam posições sociais e possibilidades de acesso. Juventudes é o tempo presente, o agora de suas vidas.

Esses jovens mostram que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível “vir-a-ser”, entre outras razões porque os horizontes do futuro estão fechados para eles. O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia (Dayrell, 2003, p. 49).

Os jovens vivem predominantemente o tempo presente, priorizando o aqui e o agora, pois o futuro, para muitos, é incerto e se apresenta de forma excludente, não dando oportunidades iguais a todos, especialmente aos jovens periféricos. Ou seja, as juventudes estão imersas em processos múltiplos e contraditórios de socialização, e a sua relação com o tempo revela tanto estratégias de sobrevivência e prazer imediato, quanto tentativas de projetar futuros incertos, em contextos sociais marcados por desigualdades.

A sociedade produz representações sobre o que é ser jovem e sobre as juventudes, muitas vezes sendo reconhecidos como sujeitos socialmente perigosos. A juventude, quando entendida como fase de “desenvolvimento” e “formação”, é tratada de maneira distinta dependendo da classe social. Jovens pobres são rotulados como perigosos em potencial, enquanto jovens de classe média e alta não tem essa representação. Nesse cenário se legitimam políticas de controle preventivo, mesmo na ausência de delitos, quando se trata de jovens pobres. Ou seja, é necessário construir formas de controlar, prevenir, com as mais diversas políticas repressivas. As teorias racistas e eugênicas dos séculos XIX e XX também influenciaram na compreensão da juventude perigosa, na medida em que vincularam a pobreza com degenerescência moral e biológica. O

movimento higienista difundiu a ideia de que os pobres, sobretudo negros e mestiços, representavam uma ameaça à "nação moderna" (Coimbra, Nascimento, s/a).

Reconhecer essas visões de juventudes é importante para compreender as influências nas construções sociais que são feitas sobre os jovens e do quanto elas geram programas, políticas sociais muito mais repressivas do que formativas, educativas. Essa é uma realidade muito presente na fala dos jovens, a falta de espaços de formação, onde a juventude possa estar e depois construir a vida e o trabalho com melhores perspectivas. A compreensão de 'juventude perigosa' ligada às periferias das cidades e à questão de raça tem forte influência inclusive na vida das juventudes, pois na hora de buscar trabalho, muitos não conseguem por residir em bairros periféricos e/ou serem negros, dentre outros estigmas que são atribuídos aos jovens.

Dayrell (2003), ao refletir sobre a condição juvenil, afirma que a soma de ser "jovem, preto e pobre", aumenta o desafio de sobrevivência, pois são demarcadores de exclusão social e geográfica para a maioria que mora nas periferias das grandes cidades. No Brasil, o processo de Abolição da escravidão não oportunizou ou garantiu acesso a bens e serviços à população negra, apenas o direito à liberdade formal, sem condições reais para sua efetivação: "Por uma série de mecanismos discriminadores, ele foi jogado para a periferia dos sistemas social, cultural e econômico, criando-se ao mesmo tempo, uma série de barreiras ideológicas, da qual a mais abrangente e permanente é o preconceito racial" (Moura, 1994, p. 212).

Diante disso, pode-se afirmar que a periferização da população negra visibiliza o quanto essa exclusão é real, pois as periferias e favelas são territórios marcados pela falta de políticas públicas, como educação, saúde, segurança, saneamento básico, dentre outras. Quando há mecanismos de serviços públicos, são precarizados ou a população precisa percorrer longas distâncias para acessar os mesmos. É nesse sentido, que pode-se constatar que muitos jovens pobres e negros têm dificuldade de acessar as políticas públicas, como por exemplo a educação, devido a sua própria situação de vulnerabilidade, pela distância que as escolas se encontram de seus territórios, etc.

Dessa forma, ao tratarmos de juventudes nesta pesquisa, partimos do entendimento de que ser jovem não é uma condição natural ou universal, mas uma

construção social marcada por múltiplas determinações históricas, culturais, econômicas e políticas. A juventude se expressa de maneiras distintas conforme os contextos em que é vivida, sendo profundamente atravessada por marcadores como classe, raça, gênero, território e outros. Reconhecer essas juventudes em sua pluralidade significa romper com visões simplistas e homogêneas, e assumir o desafio de compreender os jovens como sujeitos sociais concretos, com trajetórias singulares, inseridos em realidades desiguais. É nesse sentido que a pesquisa se compromete: com uma escuta sensível e atenta às experiências vividas na periferia urbana da região da Grande Santa Maria da Codipi, onde ser jovem é, ao mesmo tempo, viver e resistir.

3 O que é ser jovem para você?

Durante as entrevistas realizadas com os jovens, uma pergunta presente era: “O que é ser jovem para você? O que significa ser jovem?” Para muitos, a pergunta causou certo estranhamento, como quem diz, ‘nunca pensei nisso!’. Em outros, causava uma vibração ‘juventude é alegria...’. Cada um vivencia uma experiência muito diversa nesse momento de suas vidas. Desse modo, é importante explicitar algumas percepções presente nos relatos, buscando refletir a partir das discussões teóricas, a fim de compreender a condição juvenil nessa realidade.

Ser jovem é ser uma pessoa mais livre do que uma criança. Uma pessoa que não tem ainda responsabilidade. Porque a responsabilidade vem depois da juventude. Que aí vai começar os boletos e a gente tem de lutar pra pagar. E vai começar a trabalhar. Pessoa não vai ter mais aquela liberdade, mais o direito de sonhar. Direito todo mundo tem, mas depois que a pessoa começa a trabalhar a pessoa esquece dos sonhos, esquece de ser feliz, esquece de viver. A pessoa sobrevive no caso (Mar, 18 anos).

O jovem relata a compreensão de que a juventude está ligada a liberdade, como oposição a responsabilidade. Porém, esse entendimento é de um jovem que olha para o mundo adulto e para as responsabilidades do adulto, mas não consegue perceber que em sua fase já há responsabilidades, como a questão da escola, estudo, cursos e outros. Esse olhar revela um certo medo do mundo adulto, das responsabilidades, especialmente relacionadas ao trabalho, a pagar contas. Nesse sentido, ele se vê como alguém mais livre,

que ‘ainda pode sonhar, ser feliz’. É possível perceber que a liberdade está relacionada com a possibilidade de arriscar, de futuro, porque enquanto ainda jovem há estruturas que protegem como a escola, família, Estado. O adulto já não tem todas essas estruturas, o que faz com que ele “sobrevive, no caso”. Nesse sentido, Dayrell (2003) em sua pesquisa, identifica que há uma tensão maior na transição para a vida adulta, na saída da juventude do que no próprio momento da juventude. Mar, 18 anos, percebe a fase adulta como um momento que a pessoa esquece os sonhos, esquece de ser feliz, um momento de tanta responsabilidade.

Jovem para mim é assim, uma vida mais... menos do que uma vida do que um adulto, né? Jovem para mim é ter uma vida... uma vida assim, tipo... mais... sair de casa, essas coisas (Deira, 24 anos)

Ser jovem é muito bom, porque a pessoa aproveita a vida e ainda não está na fase adulta de ter preocupação com nada, só com os estudos (Bol, 21 anos)

Há evidências de que reconhecem a juventude como a condição de passagem, um período determinado, onde as preocupações são menores. Esses relatos demonstram o quanto os jovens percebem a juventude como um momento diferente da vida de adulto, identificando a fase adulta como um momento não tão bom como o atual. Nesse sentido, Minayo (2011) reflete que a “moratória social” se compreende como um prazo que os jovens dispõem e que podem gozar de menos exigências e obrigações que os adultos, enquanto completam a instrução e alcançam a maturidade social. É possível reconhecer nos relatos que os jovens percebem a juventude como um momento sem tanta exigência. Quase que um temor de chegar à vida adulta.

No relato de outros jovens identificamos uma relação do ser jovem com um momento da vida cheio de descobertas, de boas energias, de perspectivas de futuro, conforme é possível perceber nos relatos.

Sou jovem. Olha, significa a época de muitas descobertas, energia, desempenho, o que que eu diria mais. Vontade, né? A curiosidade, descobrir novas coisas, novos caminhos, o que seguir. Muita influência também. É, pra mim, é isso (Resistência, 20 anos).

A compreensão de juventude está diretamente ligada as oportunidades vividas pelos jovens. Esse jovem apresenta um indicativo importante a descoberta, como algo próprio da juventude e, até pode-se dizer, do que ele está vivendo, ‘novas descobertas’.

Conforme citado anteriormente, a fase da juventude ainda tem estruturas de proteção, seja ela o Estado ou a Família, que ainda lhe permitem arrisca-se.

Para mim significa viver, poder aproveitar a vida. É meio que aproveitar, ser jovem, viver (Sonhador, 21 anos).

Significa aproveitar a vida, é... Jovem. Ai, não sei. Significa aproveitar a vida, viver com os amigos, conversar, focar, brincar... (Diversão, 26 anos).

O que significa ser jovem é no momento que na minha vida que eu estou na minha melhor. No momento que eu tenho que aprender, estudar, trabalhar e desenvolver, acho que é isso (Poeira, 18 anos).

Para esses jovens há um entendimento de que esse momento da vida deles lhes dá a possibilidade de fazer muitas coisas, de viver descobertas, sendo essa considerada a melhor fase. Ao mesmo tempo, os relatos evidenciam indícios de uma visão romantizada da juventude. Essa visão, segundo Dayrell (2003), está presente na forma como o mundo adulto se refere à juventude, reconhecendo-a como um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. Assim, é necessário questionar, será que a resposta dos jovens pode ter sido para corroborar com essas expectativas de pesquisadora adulta? Ou será que essa visão romântica faz parte de um imaginário popular, inclusive juvenil? Conforme Chagas (2011), a leitura marxista da realidade, pode-se perceber que os jovens reproduzem um sistema, que está colocado. Ao mesmo tempo, essa visão pode ser compreendida a partir do conceito de moratória social, na medida em que sinaliza a percepção de um tempo para viver a juventude. Todavia, pode-se problematizar que essa referência, uma perspectiva romântica desse período de vida, como resultante da indústria cultural e do mercado de consumo dirigido à juventude. Sendo assim, os relatos revelam que essa visão ainda continua presente no imaginário dos próprios jovens entrevistados, apesar do contraste entre essa visão romântica e com as vivências próprias da condição periférica.

Contudo, nesse contexto da condição periférica da Santa Maria, a diversidade da condição juvenil é uma realidade a ser analisada, sobretudo como os jovens relatam o espaço familiar. Por exemplo, dois jovens relataram ser o espaço familiar um espaço de convivência que precisa ser aproveitado ao máximo. Portanto, como um espaço positivo.

Mas também, como relata outro jovem, como um espaço de enfrentamento de limites para apoiá-lo a chegar à vida adulta.

Significa ter esperança, entendeu? De conquistar as minhas coisas. Porque hoje em dia a gente ser jovem é muito complicado por conta das situações que acontecem. Às vezes a gente não tem tanto apoio de familiares, né? No caso de mãe, pai. E acaba dificultando nosso processo de desenvolvimento até chegar à idade adulta. Entendeu? Então, acho que requer ter esperança, aproveite as oportunidades que existem no nosso caminho. E é basicamente isso (Movimento, 23 anos).

Assim, é possível entender que a experiência com a família é diversa na realidade da juventude periférica. Enquanto muitos têm a família como um espaço seguro, para convivências, partilhas, outros ressentem da falta de apoio da mesma. **Movimento**, 23 anos, não explicita se a experiência de não ter apoio familiar é sua ou de outros jovens que ele conhece. O que é possível entender é que há realidades em que os jovens não contam com o apoio e o suporte da família, e isso impacta suas trajetórias.

Outros jovens reconhecem o momento da juventude como um tempo de viver experiências em todas as dimensões, como um período de aprender e se preparar para a vida adulta. Conforme Minayo (2011) uma das características que se refere as juventudes e que tem aparecido, recorrente nas pesquisas, é reconhecer a juventude como uma etapa da vida sobre a qual existe maior expectativa social, é um estágio do desenvolvimento que não é apenas uma ocorrência natural, e sim uma construção social de preparação para a vida adulta.

Ser jovem, acho que significa muito a questão de viver e iniciar muitas experiências. No meu caso, como jovem, eu não tive muito essa experiência de sair como outros jovens da minha idade. Mas eu acredito que da forma que eu vivi, foi uma forma muito boa. E eu acho que ser jovem é isso. A gente tem experiências novas, aprende novas coisas e ter muita experiência (Poeta, 20 anos).

É bom, porque é a parte que a gente mais aproveita da nossa vida, que busca mais oportunidade, que tem uma carreira melhor, de conseguir algo na vida profissional (Apoio, 18 anos)

Assim, pode-se perceber que a juventude compreende esse momento também como um tempo para se preparar, inclusive profissionalmente para enfrentar a vida adulta. Ao mesmo tempo outros relatos trazem os desafios vividos pelos jovens, inclusive afirmando tratar-se de algo perigoso, evidenciando a dificuldade de ser jovem.

Ser jovem, tá difícil. (Ente, 27 anos).

Aproveitar a vida, né? Mas também tem o outro lado também, né? Tem que ter algumas responsabilidades. A gente pode aproveitar a vida ainda, né? Mas tem que ter também consciência, né? (Igo, 21 anos).

Jovem para mim é assim, uma vida mais... menos do que uma vida do que um adulto, né? Jovem para mim é ter uma vida... uma vida assim, tipo... mais... sair de casa essas coisas. Assim, o jovem pensa, né? Mas hoje em dia nós não saímos mais, a gente... Medo de violência, as coisas, a gente não gosta mais de sair de casa. A gente está vivendo uma vida que já é do mais velho que nós, mesmo jeito. Não quer sair com medo, não quer mais sair, o jovem só se prende dentro de casa, por causa violência. Acho que não somos nem mais jovens, nós já temos a idade como se fosse o pai da gente, porque a gente não quer mais sair para a rua, por causa dos perigos que está tendo na rua. A gente quer ir numa festa, já fica com medo de ir, não chegar em casa. Tipo assim (Deira, 24 anos).

Pra mim ser jovem é um bagulho, é um negócio que hoje é literalmente, é perigoso, né? Que a pessoa não pode sair mais de casa e mais, que esse bagulho de crime aí. E eu me privo mais em casa também, nem saio muito, saio mais em final de semana. E é isso (Esperança, 18 anos).

Ser jovem, hoje em dia, é complicado ser jovem, por causa dessa violência. Mas, para mim, ser jovem é muito bom. Eu gosto muito da juventude. E pra mim é tudo. Não tenho palavras pra dizer não. Ser jovem é muito bom (Sonho, 21 anos).

Aqui é possível perceber que começa a aparecer a perspectiva do desafio vivido nesse tempo, ou outro olhar sobre a realidade, os jovens reconhecem a violência que estão expostos no território como algo que tira a liberdade, não deixa eles viver intensamente a juventude. Para Minayo (2011), nas sociedades modernas, a juventude é a etapa em que o ser humano completa sua formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, vivenciando a passagem da condição de dependência para a autonomia em relação a família de origem. Processos de definição e de inserção social.

Nesse sentido os relatos apresentam uma maior compreensão da condição juvenil vivida na Grande Santa Maria da Codipi, marcada pela violência e por grandes desafios. Tem-se a impressão de que os jovens tiram a venda de seus olhos e percebem a realidade, ser jovem não é só coisa boa, tem grandes desafios. Ou seja, o período em que o jovem se insere na sociedade e vai reconhecendo a realidade da violência e das vulnerabilidades sociais presentes no contexto, favorecendo a experiência de ser jovem como ‘um negócio perigoso’, em que não se tem muita certeza do futuro.

Dayrell (2003), ao identificar as diferentes perspectivas como a juventude é tratada, afirma que por vezes é caracterizada como um “devir”, como a transição da

infância para a vida adulta, como se ser jovem não fosse um momento com características próprias, mas algo que ainda virá a ser. No relato que segue, o jovem faz uma importante reflexão sobre a transição, percebendo que toda a vida é feita de transições.

É um período de transição, a gente está sempre em períodos de transição, desde quando a gente nasce até a gente, nos tornarmos adultos, dentro desse período, nós estamos... em períodos de transição. Então, eu acredito que, por ser um momento de transição, é um momento também de descobertas. Você vai entrar em contato com novos mundos de acordo com o que você vai crescendo e vai tendo esses contatos. Então, eu acredito que, desde que nascemos, nós passamos por esse processo, por esses momentos de transição. Nós, quando nos tornamos jovens, é um período em que também a gente está buscando os nossos objetivos, os nossos sonhos, porque cada um de nós temos os nossos sonhos. E a partir do momento nós em que realizamos nos tornamos jovens, queremos realizar esses sonhos. Então, eu acredito que cada período também tem esses momentos de... de tornar esses sonhos realidade. Então, o período de ser jovem, ou de ser jovem, é um período, é um momento de tornar esses sonhos realidade, de acordo com que a gente vai entrar em contato também com eles (Tigre, 27 anos).

Esse jovem se permite fazer uma reflexão sobre a condição juvenil e sua própria compreensão da juventude, reconhecendo que a vida é feita de transições e as mesmas são alimentadas por sonhos, desejos. Ele chama a atenção para a transição que ele vive, por essa ser a atual, é um momento de buscar tornar os sonhos realidade. O jovem relata que já viveu várias transições, onde a busca do sonho é o que move esse processo, marcado pelas oportunidades que surgem, pelo esforço e empenho individual, marcas da sociedade meritocrática e neoliberal.

Os relatos desses jovens trazem presente o quanto os jovens têm uma compreensão importante desse momento de suas vidas, numa dimensão positiva, como um tempo de sonhos e esperanças. Nesse sentido, é importante o apontamento das pesquisas de Dayrell (2003), de que a juventude vive intensamente o tempo presente e as maiores crises não acontecem na entrada da juventude, mas na saída para a vida adulta. Na visão dos jovens, a vida adulta não é tão boa, tão prazerosa como o tempo de juventude, por isso é preciso aproveitar bastante.

4 Jovens, trabalho, bico ou não fazer nada

Ao falar de juventudes e ao ouvir os jovens, um dos temas sempre latentes é a questão do acesso ao trabalho. Muito já se tem discutido sobre o assunto, porém faz-se necessário aqui trazer presente também por ser recorrente nas entrevistas. Quando se fala de juventude de periferias a realidade do trabalho chega cedo em suas vidas, precisam trabalhar para ajudar as famílias na sobrevivência, sendo privado desse tempo de preparação o qual a juventude muitas vezes é reconhecida. Nosso recorte aqui são os jovens Grande Santa Maria da Codipi, considerando os demarcadores de raça e gênero, classe social, pois ambos nos ajudam a compreender e fazer uma leitura mais ampliada da realidade juvenil atual.

Goffman (2008) também ajuda refletir sobre essa realidade juvenil ancorado o aspecto do estigma. O território onde a juventude está inserida, periferia, produz um estigma sobre a mesma. Pertencer a um território periférico afeta a vida da juventude em busca de condições, de trabalho, de oportunidade. O simples fato de morar na “periferia Santa Maria da Codipi” já gera reações nas pessoas, na forma de olhar, de favorecer oportunidades:

[...] fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como a classe social... (Goffman, 2008, p.15)

Assim, pode-se dizer que o estigma que os jovens da Santa Maria da Codipi sofrem não é apenas um preconceito individual, mas um mecanismo social e ideológico que legitima desigualdades e exclusões. Pela forma como se trata e se relaciona a periferia, o periférico, sempre com um sentido de preconceito, como quem diz “desse lugar não pode sair coisa boa”. Há um ‘discurso oficial’ que deslegitima tudo o que vem da periferia, as pessoas, a cultura, a forma de se organizar, as sociabilidades.

Diante desse cenário o que tem restado as camadas populares, no que se refere ao trabalho, é o bico, como uma saída alternativa de sobrevivência. Há os que relatam a

necessidade de responder a demanda familiar, de trabalhar para contribuir no sustento financeiro da família. Os jovens de periferia desde cedo precisam trabalhar e contribuir na renda familiar, para isso tento que se submeter a bico. Segundo Luz et al (2022) o “bico” consiste em atividades realizadas, temporárias ou não, por pessoas que possuem alguma formação profissional, seja de nível básico, técnico ou superior, mas que, diante da dificuldade de inserção em suas áreas de especialização, recorrem a essas ocupações como forma de obter renda.

Só o bico fazer uma diária. Às vezes não tem, é difícil, passa a semana parado, às vezes passa uma semana trabalhando, aí a gente ajuda o dinheiro que vem pra ficar se mantendo até chegar a outra coisa melhor, até chegar mais longe. [...] meu pai faleceu, aí ele deixou a família dele, minha mãe e minha irmã, e eu aqui agora. Eu sou o homem da casa agora, aí todo dia eu tenho que estar me virando, sem serviço. Aí, porque agora eu tô aqui no curso, pra ver se eu ganho uma renda assim, pra melhorar mais. Tá difícil (**Ente**, 27 anos)

O “bico” não garante uma constante na vida do jovem, é algo esporádico, temporário e rápido, as vezes tem, outras não, conforme o relato. Diante dessa realidade, o jovem ‘precisa’ estar disposto e disponível para o que aparecer, sem escolha e opção frente a instabilidade de seu futuro. Diante desse futuro incerto e inseguro, o jovem vai em busca de alternativas que surgem, como por exemplo, o curso de barbeiro. “As suas vidas são labirintos de encruzilhadas e de utopias, mas as aparentes saídas do labirinto desembocam em novos labirintos de encruzilhadas e de utopias. Há que viver no labirinto da vida” (Pais, 2016, p. 56).

Pais (2016) faz a analogia da condição juvenil com labirintos, na perspectiva de que a vida da juventude é cada vez mais incerta e insegura, percorrendo labirintos, por vezes se encontrando, outra não. Para muitos, ter um trabalho, um emprego, é como se fosse ganhar na loteria, pois estão diante de um cenário de insegurança diante do futuro. “Tive que fazer bico com o padrasto meu e trabalhar de vez em quando fazendo alguma coisa, ou em comércio, borracharia, pedreiro, essas coisas, esses negócios de bico normais aí, porque é difícil hoje em dia arranjar um emprego fixo, né?” (**Poeira**, 18 anos).

Corrochano, Abramo e Abramo (2022) quando discutem o contexto do trabalho, desemprego, educação e a realidade juvenil, desenvolvem uma leitura de como historicamente foi tratada essa realidade e apresentam necessidade de afirmar que o trabalho é uma parte importante da experiência juvenil. Para as autoras “o trabalho não

é apenas ponto de chegada da transição, e/ou consequência do percurso educacional, mas experiência constituinte do processo de transição para a vida adulta, e, portanto, da vida juvenil e que tanto influencia como é influenciado pela trajetória educacional” (p. 84).

A problemática juvenil sobre o trabalho é um tema amplamente discutido por diversos autores. Pais (2016), por exemplo, na primeira década desse século já apontou a partir de uma Europa estruturada num Estado de Bem Estar Social o desemprego juvenil como determinante “das trajetórias ioiô”. O autor examina como os jovens portugueses enfrentam a precariedade do trabalho e a instabilidade na transição para a vida adulta, chegando a afirmar que a busca por trabalho para muitos jovens, passa a ser descrita como uma “lotaria”. O que leva cada um a encontrar estratégias singulares para “ganhar a vida”, muitas vezes no limite do legal e informal. Ele usa a metáfora “trajetórias ioiô” para descrever a instabilidade e os movimentos de vaivém na vida dos jovens, em contraste com modelos de transição linear para a vida adulta. A juventude vive percursos de vida que marcadamente não-lineares, o que exige novas abordagens sociológicas que ultrapassem os modelos lineares tradicionais.

Pais (2016) questiona o papel da formação profissional na inserção dos jovens no mercado de trabalho. Estudos indicam que a formação nem sempre combate o desemprego juvenil e pode reproduzir a segmentação do mercado por gênero. Constatam-se períodos de espera cada vez mais longos para o início da formação e para a obtenção de emprego após a formação. Para a maioria dos jovens portugueses, a formação profissional parece estar à margem dos seus projetos e trajetórias profissionais, e parece haver menos crença na sua capacidade de facilitar a inserção laboral.

Condição e realidade brasileira hoje são piores, a realidade para jovens negros e jovens brancos é diferente, ou seja, há demarcador racial no que refere ao trabalho que também precisa ser considerado. No Brasil pós pandêmico se aguça a problemática do trabalho entre os jovens. Isto ocorre pela desestruturação do mundo do trabalho.

Segundo Antunes (2023) vivemos um processo intenso de precarização do trabalho que se expressa através da flexibilização, informalidade, intermitência e ausência de proteção social, característica especialmente do novo perfil do trabalho digital. O capitalismo tem criado plataformas, como as empresas Uber e Amazon, por exemplo,

adotam modelos que intensificam a exploração, mascarando relações assalariadas com a ideia de "autonomia" e "empreendedorismo". Nesse novo cenário do trabalho, apesar das promessas de inovação tecnológica e autonomia, o que predomina é a intensificação da exploração e da alienação do trabalho. A digitalização, em vez de libertar o trabalhador, aprofunda desigualdades e precariedades, criando um cenário em que a resistência e a organização coletiva se tornam mais difíceis, porém cada vez mais necessárias.

A realidade da precarização do trabalho e das “trajetórias ioiô” são facilmente reconhecidas nos relatos dos jovens entrevistados, que expressaram muitas vezes a questão do desafio e da dificuldade de acessar o trabalho. Sete jovens entrevistados relataram ter algum vínculo de trabalho, o que faz com que sintam certa estabilidade, os demais ou eram desempregados, ou estavam buscando trabalho. Um jovem relatou a experiência de ser um “Jovem aprendiz”, porém o período está se encerrando e ele quer buscar a formação profissional, com a qual não conseguirá conciliar o trabalho.

Os jovens das periferias experienciam os diversos desafios no mundo do trabalho, tendo que muitas vezes se expor a condições precárias e sem direitos sociais. Por exemplo, uma jovem relata que seu trabalho não é formal, não tem direitos sociais, e por isso está buscando outras alternativas:

[...] sou padeira. Trabalho na padaria. Aí estou fazendo esse curso de barbeiro porque eu acordo muito cedo toda manhã para fazer a massa do pão. Aí uma profissão, é muito doida, assim, que a gente sempre acorda cedo. Se desgasta muito o sono, né, pra fazer a massa do pão. Aí eu prefiro cortar o cabelo porque acho que vou ter mais tempo pra mim (Deira, 24 anos).

Conforme essa jovem, a busca por alternativas de melhorar o trabalho é constante, ao mesmo tempo que não pode esperar surgir uma oportunidade, precisa se preparar para tudo. Nesse cenário não há escolha, o que surge como oportunidade é o que a jovem vivencia, no caso ser padeira. Porém, é possível perceber, que no seu relato, que há um sonho de que possa se conciliar com trabalho, tempo livre para poder fazer outras atividades, pois muitas vezes o trabalho acaba sendo uma atividade intensamente desgastante, “sempre acorda cedo..”.

Jovens com menos formação profissional ou menos acesso a educação, vivenciam o acesso a trabalho de forma diferenciada, ou seja, na maioria das vezes estão expostos ao subemprego, a trabalhos precarizados e destituídos de qualquer direito social ou segurança. Além da exigência de experiência para conseguir trabalho, a falta de segurança e de direitos sociais afetam diretamente a vida dos jovens, conforme relatado no trecho da entrevista:

Serviço, mesmo assim, oportunidade, né? Que a gente quer uma área que a gente quer e às vezes o pessoal diz que a gente não tem experiência. Como é que a gente vai ter experiência se não tem oportunidade? A gente vai em muitos lugares, tem várias áreas que eu gosto de trabalhar, tem umas áreas que aparece serviço, mas eu não posso. Porque eu levei um acidente, aí eu não posso mais trabalhar pesado. E aí eu costumo gostar de fazer, eu faço tudo. Só que agora essa parte eu não posso mais, e aí é o que mais aparece. Serviço pesado assim, eu não posso mais (**Ente**, 27 anos).

Oportunidades que o jovem de periferia tem? Ente, 27 anos, expõem que em sua vivência juvenil poucas foram as oportunidades oferecidas e essas ainda oportunidades esporádicas, sem garantias. Ao sofrer um acidente, se vê desamparado, sem nenhuma garantia e nem política pública de inclusão no trabalho após as sequelas do acidente. Não há um trabalho que possa acolher esse jovem, restando apenas o trabalho cada vez mais precarizado. Nesse sentido, é oportuno lembrar que uma forma do jovem das camadas populares se referir ao trabalho é “serviço”. Entendido nesse imaginário popular como uma atividade que não é regular, esporadicamente chamam para um serviço. Ao mesmo tempo é reconhecido como uma fonte de adquirir experiência, tem tempo determinado. Porém nessa perspectiva de serviço, o jovem sempre precisa estar disposto a assumir o serviço que lhe é oferecido.

Os jovens, muitas vezes se veem sem escolha, como precisam contribuir suas famílias no sustento da casa, se expõem a diversas situações de precarização do trabalho. “[...] Tive que fazer bico com o padrasto meu e trabalhar de vez em quando fazendo alguma coisa, ou em comércio, borracharia, pedreiro. Essas coisas, esses negócios de bico normais aí, porque é difícil hoje em dia arranjar um emprego fixo, né? [...]” (**Poeira**, 18 anos). Por vezes nem conseguem visualizar propostas de trabalho que sejam com perspectivas de segurança, de continuidade, conforme relata o jovem:

Eu não tenho tantas expectativas de trabalho, não tenho tantas. Mas eu quero procurar, sim. Já tem alguns contatos por aí. Por exemplo, eu trabalhei em um evento, durou dois meses. É evento social lá do Teresina Shopping, ano passado, e ele todo ano tem, mês de junho. Espero ser chamado novamente (**Resistência**, 20 anos).

É possível perceber que cada vez mais está presente a temporalidade do serviço, o jovem não consegue mais acessar um trabalho continuado. Muitas vezes a oportunidade é de trabalho temporário, como nas festas de final de ano, ou no período das festas juninas, como relata Resistência, ou outros. Nesse sistema capitalista que está colocado, tem-se a impressão que o jovem precisa estar pronto para a oportunidade que aparecer, não tem mais o direito de sonhar, de construir, ou seja, é preciso pegar o trabalho que o mercado oferece, pelo tempo que ele o oferece.

Nos relatos dos jovens o acesso ao estudo está relacionado ao acesso a um trabalho. Uma jovem evidencia essa realidade, destacando o quanto a falta de acesso ao estudo tem determinado suas dificuldades de acesso ao trabalho:

Porque estou desempregada, por enquanto. Trabalho de serviços gerais, porque não terminei meus estudos. Parei meu terceiro ano de ensino médio. E, por enquanto, estou fazendo apenas as diárias, entendeu? No supermercado, comercial, o que parece. Aí eu faço. É o meu dia a dia (**Rada**, 20 anos).

Na realidade de jovens das periferias, é possível constatar que a inserção no mercado de trabalho não é uma escolha, mas uma necessidade social. Por isso nem sempre podem optar, acabam assumindo o trabalho que encontram. A partir da pandemia da Covid 19 temos um agravamento na precarização das relações de trabalho, se antes já havia, agora só tem aumentado e fragilizado ainda mais os trabalhadores jovens, de periferias. Quem teve condições conseguiu realizar o trabalho de forma remota ou online, porém isso não é de acesso a todos, especialmente nas periferias das grandes cidades, onde o acesso a internet já é mais complicado e em que a juventude está exposta as mais diversas formas de fragilidade nos vínculos trabalhistas, quando eles existem. Assim,

quando tratamos de pobreza ou de exclusão social entre os jovens, verificamos que o grande gerador destes fenômenos é o desemprego, que afeta não apenas os rendimentos, mas os mecanismos de integração

que o trabalho proporciona, como fonte de identidade, de organização do tempo, de reconhecimento e solidariedades. (Luz *et al*, 2022, p. 117).

Diante dessa fragilidade dos vínculos com o trabalho, é crescente na fragilização das relações de amizade, companheirismo, empatia e outros vínculos que se estabelecem nos coletivos de trabalho e que são fundamentais para a solidariedade de classe. O capitalismo fragiliza e fragmenta a própria classe trabalhadora, que já não consegue mais se articular e reivindicar seus direitos sociais. Há uma fragilização em cadeia.

Diante do cenário vivenciado pelos jovens da Grande Santa Maria da Codipi, evidencia-se que o trabalho deixou de ser uma etapa posterior à formação educacional para se tornar uma exigência precoce, marcada pela necessidade de sobrevivência, ausência de escolhas reais e poucas oportunidades. A juventude de periferia, atravessada pelos marcadores de raça, classe e gênero, é lançada a trajetórias fragmentadas, instáveis e inseguras, como apresentadas por Pais (2016) na analogia as “trajetórias ioiô”. A lógica do ‘bico’ e do ‘serviço’ não apenas fragiliza o presente desses jovens, como compromete a possibilidade de construção de um futuro mais estável e seguro. Ao mesmo tempo, a formação profissional, muitas vezes apontada como solução, mostra-se insuficiente frente às desigualdades estruturais e ao desmonte dos direitos trabalhistas vivenciados pelos jovens.

Portanto, compreender o mundo do trabalho juvenil hoje exige ir além da constatação do desemprego ou da informalidade. É necessário escutar os jovens e reconhecer as múltiplas formas de resistência que constroem em meio à precarização, a busca de cursos profissionalizantes rápidos e baratos desponta no horizonte como uma esperança de novas alternativas. Sabemos que isso não altera a realidade do trabalho, especialmente porque continua a formar uma mão de obra barata e precarizada, por isso urge construir políticas públicas e alternativas coletivas que possam incluir a juventude periférica.

Nessa direção, a discussão sobre o território assume centralidade nos estudos sobre juventudes, conforme apontado por Alves (2023) ao pesquisar juventudes rurais. O território não se configura apenas como espaço geográfico ou cenário onde a vida juvenil se desenvolve, mas como dimensão constitutiva da própria condição juvenil. O território

influencia diretamente as formas de sociabilidade, os modos de circulação, as experiências cotidianas e os projetos de vida dos jovens, ao mesmo tempo em que produz sentidos de pertencimento, identidade e resistência. Assim, ao analisar as juventudes da Santa Maria da Codipi, é fundamental reconhecer que não se trata apenas de jovens que vivem em contextos de vulnerabilidade, mas de sujeitos cujas trajetórias são produzidas nas e pelas dinâmicas territoriais. Tal perspectiva permite compreender o território tanto como espaço de restrições e desigualdades, quanto como lugar de construção de vínculos, estratégias e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo evidenciam que a experiência de ser jovem, nos contextos periféricos analisados, é marcada por múltiplas dimensões e contradições, que não podem ser compreendidas a partir de concepções homogêneas ou naturalizadas de juventude. As narrativas dos jovens da Grande Santa Maria da Codipi revelam que a condição juvenil se constrói na intersecção entre sonhos, expectativas e projetos de vida, bem como entre limites estruturais impostos pela desigualdade social, especialmente no que se refere a questão do acesso ao trabalho e as suas trajetórias. Ao compreender a juventude como uma construção social atravessada por marcadores como classe, raça, gênero e território, o estudo reafirma a necessidade de reconhecer as juventudes no plural e de problematizar as formas pelas quais essas experiências são invisibilizadas ou reduzidas a estigmas no debate público e nas ações estatais.

As narrativas evidenciam, ainda, a tensão presente na forma como os jovens compreendem a juventude, percebida simultaneamente como um tempo de liberdade e de possibilidades, mas também como um período de responsabilidades, instabilidade e incertezas. Essa ambiguidade revela que os jovens desenvolvem uma consciência crítica acerca das exclusões sociais que vivenciam em seu cotidiano, reconhecendo os limites impostos por uma realidade social desigual e excludente. Evidencia-se, ainda, que muitos jovens vivenciam a antecipação de responsabilidades próprias da vida adulta, especialmente no que se refere ao trabalho, o que limita a experiência de uma moratória social mais prolongada. Essa condição revela a desigualdade na forma como a juventude

é vivida, indicando que o tempo juvenil não se distribui de maneira uniforme, mas depende das condições sociais concretas em que os sujeitos estão inseridos.

Por fim, o artigo dialoga com os estudos que compreendem as juventudes como uma condição social, perspectiva corroborada pela pesquisa empírica ao evidenciar como essa condição se materializa concretamente nas vidas dos jovens entrevistados. Torna-se, portanto, fundamental o aprofundamento de investigações que considerem as juventudes no plural, reconhecendo não a homogeneidade, mas a diversidade das experiências juvenis. Nesse sentido, o estudo realizado com jovens da Grande Santa Maria da Codipi, periferia de Teresina, PI, contribui para o campo dos estudos sobre juventudes no Nordeste brasileiro, ainda pouco explorado na produção acadêmica, além de oferecer subsídios para a reflexão crítica sobre políticas públicas mais sensíveis às realidades territoriais e às vozes juvenis.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí (FAPEPI)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 25-36, dez. 1997. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 abr. 2026.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

ANTUNES, Ricardo. Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho? **Análise Social**, Lisboa, v. 58, n. 248, p. 512-532, 8 nov. 2023. *Análise Social*. <http://dx.doi.org/10.31447/AS00032573.2023248.04>.

ALVES, Maria Zenaide. JUVENTUDE RURAL EM UM TERRITÓRIO DE INCERTEZAS: questões para a educação. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S.L.], v. 27, n. 54, p. 37-55, 2 jun. 2023. Universidade Federal do Piauí. <http://dx.doi.org/10.26694/rles.v27i54.3131>.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BOURDIEU, Pierre. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121.

CARA, Daniel; GAUTO, Maitê. Juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 171-196. . ISBN 978-85-98171-71-5.

CHAGAS, Eduardo F.. O Método Dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 55-70, 2011.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia do. *Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?*. [S.l.]: [s.n.], [s.a.]. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf> Acesso em: 13 maio 2025.

CORROCHANO, Maria Carla; ABRAMO, Helena Wendel; ABRAMO, Laís. O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limite. In: PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo et al (org.). **JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS**: juventudes, trabalho e educação. Porto Alegre: Cirkula, 2022. p. 71-107.

DAYRELL, Juarez. A escola. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302007000300022>.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.40-52. ISSN 1413-2478.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Unesco, 2007. Cap. 1. p. 19-54. ISBN 978-85-98171-71-5.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e memória cultural. **Educação Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008 Disponível em <https://www.cedes.unicamp.br>

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 195 p.

LUZ, Lila Cristina Xavier et al. Juventudes e Mercado de Trabalho no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. In: ABRAMOVAY, Miriam et al (org.). Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da covid-19. Brasília: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2022. p. 107-157. ISBN. 978-65-87718-33-0.

MARGULIS, M. Juventud: uma aproximación conceptual. In: BURAK, S. D. (Compilador). **Adolescencia y Juventud en América Latina**. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.

MINAYO, M. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, M., ASSIS, S., and NJAINE, K., orgs. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 17-43. ISBN: 978-85-7541-385-2.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**, Ed. Anita: São Paulo, 1994.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. 4. ed. Berlin, Alemanha: Edições Machado, 2016. 330 p. ISBN: 9783960285922.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. **Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 7, n. 13, p. 182-195, jul. 2017. Semestral. Tradução de Lila Cristina Xavier Luz.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Heloísa Buarque de Hollanda [org]. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HISTÓRICO

Submetido: 20 de fevereiro de 2026.

Aprovado: 29 de março de 2026.

Publicado: 23 de Julho de 2026.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

BOTH, Lizandra Inês; LUZ, Lila Cristina Xavier. JUVENTUDES PERIFÉRICAS E CONDIÇÃO JUVENIL: ser jovem em um território marcado pela vulnerabilidade social. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, V. 30, N. 63, 2026